

Hospital de Base completa 45 anos com benfeitorias

DURANTE O EVENTO, SECRETARIA DE SAÚDE DIVULGA QUE MAIS MÉDICOS SERÃO CONTRATADOS E VÁRIOS SERVIÇOS QUE ESTAVAM PARADOS FORAM REATIVADOS. GOVERNO PREVÊ, AINDA, MELHORIAS NO LOCAL

Fernanda Scavacini

No pavilhão técnico do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), uma exposição de fotos sobre o início da instituição e da trajetória de muitos funcionários, faz parte das comemorações dos 45 anos do local. Além dos moradores da capital federal, o hospital recebe pessoas de todos os locais do DF e também de fora. A demanda quase sempre é maior que a capacidade e, aos poucos, o ambiente é ajustado para ampliar os atendimentos. No segundo semestre deste ano, os cidadãos ganharam serviços que estavam parados há meses, como o transplante renal de doador cadáver.

O equipamento que verifica se o paciente teve morte cerebral estava quebrado desde 2004. Assim, as pessoas que precisavam do transplante, entravam em uma espera sem fim. Outros serviços inativos que voltaram a funcionar são as cirurgias cardíacas, o transplante de córnea e a neurocirurgia. De acordo com o secretário de Saúde do DF, José Geraldo Maciel, a maioria dos aprovados no concurso público para Fundação Hospitalar são contratados para o HBDF.

Necessidades - Além destes especialistas, serão chamados para trabalhar mais oito cardiologistas, sete anestesistas, 124 auxiliares administrativos, 100 auxiliares de enfermagem e sete radiologistas. "Depois de enfrentar as dificuldades dos primeiros meses do ano, hoje, o hospital tem muita coisa para comemorar no seu aniversário", afirma o secretário. Segundo ele, há muito para ser feito ainda. Entre as necessidades, seria preciso mais um prédio de 12 andares para atender to-

dos os pacientes.

Capacidade - Enquanto os andares ainda não entraram no orçamento do governo, a instituição de saúde sobrevive como pode. Conforme o diretor do Hospital de Base, José Carlos Quináglia, são atendidos diariamente mil pacientes nos ambulatorios e 900 no pronto-socorro. Nas 40 especialidades oferecidas, trabalham 700 médicos e 200 residentes. Atualmente, o HBDF aumentou a capacidade das consultas nos ambulatorios em 5% e 1,5% nas cirurgias.

Equipe - Na unidade de saúde que recebe mais de 500 mil habitantes de várias regiões em um ano, a expectativa é de melhorias em todos os aspectos. E para fazer o trabalho diário, o hospital não conta apenas com recursos dos cofres públicos. O HBDF funciona diariamente porque também sobrevive da solidariedade de pessoas que não recebem nada, mas doam tudo que podem.

Solidariedade - Aos 81 anos, dona Joana Medeiros da Silva, realizou o sonho de ajudar o próximo. Há três anos, ela foi convidada pela amiga para fazer parte da extensa equipe de voluntários do local. Depois de aceitar o pedido, a senhora disse que pôde conhecer um outro lado da vida: o que as pessoas mais devem valorizar. "Eu corto o cabelo e a barba de pacientes com câncer. Eu dou atenção a eles. Eles sabem que podem contar comigo e ficam felizes por isso. E eu fico feliz com a felicidade deles", fala carinhosamente.

Além de dona Joana, o ciclo de solidariedade também é formado por pessoas de todas as idades, alegres, bem dispostas e com muito amor a oferecer. Maria Aparecida Cas-

tro se dedica há quatro anos e meio na profissão de mulher amiga, companheira e conselheira. Em vez de ir ao cinema ou ficar em casa, ela dedica algumas horas de seu dia às pessoas que ela chama de amigos.

Além de levar produtos de higiene aos pacientes do oitavo andar, ela leva o ombro para que eles chorem seus medos, desabafem a dor e superem a tristeza para conseguirem lutar pela vida. "Eles precisam de mim. Eu preciso deles. Preciso ser amiga. Preciso fazer eles serem felizes. Eu brinco, conto piadas, me divirto e divirto eles", sorri a morena alegre.

Peregrinação - Nos corredores apertados do hospital, diversas pessoas lutam pelo simples direito de sobreviver. A batalha começa desde o resultado de algum exame às últimas esperanças na sala de cirurgia. O tempo é o pior companheiro para quem espera vencê-lo. A família nem sempre pode estar presente e a única companhia é o medo e a vontade de que tudo termine rápido. Nem todos vêm de Brasília ou do DF. E quanto mais longe a região de origem, maior é a saudade.

O lavrador Selvino Pereira dos Santos, 39 anos, conta os dias para voltar para Unaí, em Minas Gerais. Ele está feliz ao lado da esposa, Agemira Maria de Jesus, 47 anos, que acompanhou passo a passo de sua guerra contra uma leucemia. "O médico disse que podemos voltar para casa. Ele está curado", fala emocionada. No dia 22 de abril deste ano, o sorridente e brincalhão Selvino descobriu o câncer. Desde então, fez quimioterapia, ficou internado, tomou remédios, fez todo o tratamento, mas jamais desistiu e, como diz Maria, nunca desanimou.



Gerdan Wesley

Exposição de fotos da capital foi montada no pavilhão técnico do hospital